

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO



## A MEMORIA DA

EXM.<sup>a</sup> SR.<sup>a</sup> D. ZULMIRA BEZERRA

Quando as aves descantavam nos bosques, quando a natureza na sua inimitável symphonia de luz e aromas vestia a terra do diadema azul de violetas e lilazes, sumias-te tu, a mais bella das flores, no sorvedouro eterno da morte, na quadra virante da existencia, aos desenove annos!

A luz serena e doce da primavera descerraste pela última vez os labios purpúreos e, no teu derradeiro sorriso, evoltou-se para o seio da Divindade a tua alma sonhadora...

Que a morte, lei inexorável, transforme os herços que enamoram sorrisos e beijos em esquivos, que arrancam suspiros e lagrimas—é deshumano; que a não enternecam os gemidos dos orphão nem as supplicas angustiadas das mães—é cruel; que lhe não infunda respeito o sabio nem veneração o justo—parece prepotencia. Todavia não é este o seu traço mais sombrio, o seu golpe mais fundo, a sua fereza mais crua.

Deixar que a flor desahroche que as corollas se abram, que as petalas se ostentem, aveludinem, esmaltem e perfumem para de subito lhe ceifar a vida, é uma surpresa que nos fulmina, é um rompimento brusco e atroz que nos dilacera!

E se essa vida é como a tua vida o traço mais gracioso da virtude, o cambiante mais delicado da poesia, o mais suave balsamo das dores alheias, o sorriso mais fagueiro da esperanza, o enlevo incíssimo da familia; se essa vida concretisa uma alma como a tua feita de dedicações primas, nel'tas ternuras d'encantos unicos, então, a dor faz-se desespero e este desespero parece diluir-se r'uma impreciação blasphema; então as lagrimas rompem palpitantes, espontaneas, quentes, como um energico reagente sobre a lousa do tumulo para a dissolverem;—e o coração, ferido nas suas fibras mais intimas, estonteado, louco, como os sanetas mães dos belemitas, quer transportar-lá dentro d'aquelles menúndros tenebrosos e coluzir ali uma nova vida com a sua vida!...

É que a Providencia as flores d'este mimo colhe-as de rapido para que o tempo lhe não profane o vigo nem embacie o brilho, flores assim, colhe-as na primavera porque não podem ter outomno...

Lyrio immaculado, não podias vegetar á flux d'este immenso pantano das misérias humanas! Os anjos envejaram-te a candura, alma generosa e boa, disputavam-te o consorcio—e miseros de nós—venceram!...

Morreste a mais bella das mortes!... com as mãos sobre o peito como quem offerencia a Deus o coração—olhos fitos no ceu como quem seguro o espera—morreste suspirando amor e pedindo perdão!

E ainda ao morrer nos legaste, coração d'ouro, um sorriso melancholico, que era a expressão sincera do teu maior martyrio—deixares desolados e tristes os que tanto te queriam!

Ao ver-te prostrada no leito tumular, senti primeiro necessidade de chorar a tua perda do que suffragar a tua alma—porque se eras um anjo aguardado no ceu eras um anjo perdido na terra!...

Do throno de gloria que as tuas virtudes fabricaram não esqueças nunca aquelles que tem na tua memoria o centro dos mais puros affectos.

Acceta com as nossas preces, purificadas de lagrimas, este sincero testemunho da mais viva saudade!

c.

## RECORDANDO

Leio sempre com interesse e com certa suavidade d'espírito os bellos artigos do Rocha Peixoto, no «Primeiro de Janeiro».

Ha uns bellos onze annos que o conheço. De espírito, pela imprensa, porque já lá vão uns oitenta e sete annos.

Conheci-o na Povoá. Escrevia na «Independencia», que eu então redigia e administrava, umas cartas portuenses, que assignava com o pseudonymo de Augusto Cezar.

Tambem eu n'essa epocha assignava as minhas tentativas litterarias com o de Eduardo G.L.

Era um admirador de Oliveira Martins. Fundou até no Porto um club litterario, a que deu o nome do auctor do «Portugal Contemporaneo».

Em intimo de Hamilton d'Araujo, o saudoso

## A LAGRIMA

poeta, alma loira e candida, talento crystallino e auroreal.

Uma tarde appareceram-me ambos na Povoia.

Tinham vindo, do Porto, a pé, pela margem do Oceano, na pesqueira de conchas e de moluscos.

Acompanhava-os Antonio Nobre, outro bello espirito que já não vejo tambem ha muito.

O Hamilton queria desfazer-se de cinco tostões «falsos», que lhe haviam impingido!

Bellos tempos, que nunca esquecem.

A ultima vez que estive com Rocha Peixoto foi no Porto, n'uma casa ali para os lados da Boa Vista.

Estava rodeado de livros de antropologia.

Hoje vejo-o d'aqui, na nebulosidade doce da saudade, e cortejo-o pelo seu talento e pelos seus progressos.

Um aperto de mão, de longe.

SILVA ESTEVES

### A MINHA MÃE!

Perdi-te oh mãe: triste, minha alma chora,  
Desde que tens guarida aos pes da cruz!  
Não tenho os teus sorrisos bons, d'outr'ora,  
Cercam-me trevas; nada me seduz!

Barcellos.

A. MELLO

### OS DAMOS

Em antigos tempos, quando se ouvia o tilintar das guizeiras da mala-posta, o rapaz da provincia, o rapaz do Minho, o barcellense, era um homem em perspectiva.

Hoje que a força expansiva do vapor da agua, exercendo-se em cylindros de ferro, faz mover com prodigiosa rapidez e maravilhante facilidade pesadas massas, o rapaz da provincia, o rapaz do Minho, o barcellense, tem tomado um caracter de modernismo. Modernismo incompleto, pois apenas tem assimilado o chic sem ter procurado apropriar o lado util da educação dos fortes e tenazes homens do norte, ao nosso meio, ao nosso caracter, á nossa raça.

Enquanto os inglezes estabelecem collegios para a educação intellectual e physica de seus filhos, o barcellense vai para as barraquinhas da kermesse sentar-se junto ás damas e, com um sorriso banal nos labios, dirigir-lhes amabilidades sonsas.

Mas, como todo o effeito tem uma causa, é necessario mostrar ao leitor o que originou esta differença.

Eil-a: O homem em perspectiva passeava pelos campos, sorvia a largos haustos o ar oxigenado e puro dos montes, era forte, robusto, corado. O d'hoje passeia pelo jardim, exhibindo a sua figu-

ra fina, vaporosa, subtil, como é vaporoso e subtil o seu espirito impregnado de emanções de romances e novellas sem funlo psychologico.

E porque?

Porque o jardim despertou-lhe a vaidade, o jardim perdeu-o, deixando de ser para elle o lugar destinado a restaurar o sangue com alguns decímetros cubicos de ar puro.

Ah! jardim, jardim...

OMBROSO

### PELAS BARRACAS (NOTAS DE REPOR-TAGEM)

Vi tudo. Escreverei estylo telegraphico.

Não tenho tempo para mais, nem cabeça para menos.

A kermesse bonita, d'uma boniteza pandega, com risos amarellos de damas e sorrisos sensaborões de dandys.

Que, agora, é necessario augmentar o numero d'estes bichos. Bichos racionaes, na theoria de Darwin, e no esfalfamento do sr. redactor do 31 de Janeiro em querer provar que o homem é um macaco aperfeiçoado.

A venda de bilhetes foi um rebanpago em noites luarentas. A luz d'um fuzil no escuro d'um corredor de freiras.

Vendeu-se tudo a vapor. Objectos raros, de mercimento archeologico. Não contando a Guia das Aguas dos Cucos, que valia um milhão e quinhentos francos, a prenda que mais nos deu no olho foi uma gaiola com dois dandys dentro.



Ficamos atrapalhados. Uns diziam que a prenda eram sómente o dandys. Outros, porem, affirmavam que a prenda era tudo. Os dandys e a gaiola. Quer dizer. Como os dandys augmentaram e cresceram, não sabemos se como os tortulhos, se como as especies *espontaneas*, a difficuldade estava em saber o que é que elles faziam dentro das barracas. Porque as barracas eram das senhoras e para as senhoras. Ellas é que vendiam os bilhetes. Por isto, digam-nos:



## A LAGRIMA

—que é que faziam os dandys e os discipulos novos, dentro das barracas?

—Estavam a aparar as ventosidades do organismo, que, como um folle d'uma forja, expelle, ora uns assobios, ora uns urros mais grossos?

Digam os sabios da escriptura...  
que patetas são estes na figura...

Pelo que havia no publico grande difficuldade em saber se a prenda eram somente os dandys, ou os dandys e a gaiola.

Porque algumas barracas, com os dandys dentro, pareciam una gaiola de passaros... bisnau.

Depois, outra curiosidade. Já que este anno não tinhamos ei as barracas de vistas, cosmorama, etc, etc, com pierrots á porta tocando realejos desafinados, e, n'uma corda, um boneco fazendo «posições», já que não tinhamos isso para chamar as boccas largas dos labrostes n'uma admiração besta, tivemos, graças a Deus, as posições dos dandys, e dos novos discipulos.

Em frente ás barraquinhas das senhoras pareciam uns manequins, no estudado e no exquisito do menceio.

Pouco mais ou menos, era assim:



Bonitas figuras, realmente.

\*

—Quem dirige a kermesse?

—E' aquelle ovo depenado que tu lá vês.

—Mas, então, manda-se dirigir a' kermesse por um homem que tem uma quinta, dizem que bem bôa, e que nunca se deu ao trabalho sequer de a ir ver?

\*

Um dandy lord n'uma barraca de damas. Dizemos de damas, porque algumas não eram de damas. Eram... de damas...

Minhas senhoras: queiram ter a bondade de me dar 10 bilhetes.

Deram-lhe 10 bilhetes de tostão, tudo branco.

—Estou sem sorte. Pois tambem quero ver até onde vai a minha infelicidade.

Mais dois bilhetes.

—Prompto. Aquí estão.

Eram brancos tambem.

—Já vejo que não posso teimar.

—Quanto custam?

—O senhor já sabe. Mil e duzentos.

O dandy muito atrapalhado:

—Parece impossivel! Nas outras barracas são a 50 reis.

—Está bem. Pois então dê somente seis tostões.

O dandy deu seis tostões, e foi-se embora.

\*

Outro dandy, assucarado:

—Minhas senhoras: dez bilhetes.

Sahiram dois premios. O dandy foi busca-los. Era um sabonete, e um candieirinho.

Voltando á barraca, o dandy muito attencioso:

—Minha senhora: offereço-lhe este sabonete.

Do lado, um cavalheiro:

—Acho exquisito que se offereça um sabonete a uma senhora...

—Porque lhe não offerece antes o candieiro?

—Porque o candieiro tem utilidade.

Pelo que se vê que o dandy não gasta sabonetes.

Provavelmente só gasta sabão gallego.

\*

—Porque é que não sahiram os palanques dos outros annos?

—Porque dentro d'elles é que está o rico metal do Senhor da Cruz, e havia medo que lh'o surripiassem...

\*

Sahindo fóra do ambito da kermesse, vi mais:

Um sujeito a engraixar a... cabeça!

Pareceu-me extraordinario. Perguntei:

—Isso agora é moda?

—E' moda, sim senhor. A' falta de botas, os «inlegantes» engraixam a cabeça.



## A LAGRIMA

Beberam bem, os dois.

Alli perto flava o marco postal, a que um d'elles tinha dado voz de preso, uma noite, com muito vinho e muitas tantarinas...

Havia um monte de cascalho. O Barroso das Obras Publicas não havia de pôr o cascalho dentro do Jardim...

Tumba. O Anastacio cahiu. Mas, em lugar de cahir de lado, cahiu de focinhos, e esborrachou o nariz. Ora elle, que tinha já o nariz bastante esborrachado, ficou com elle mais esborrachado ainda, que parecia mesmo um repollo!

E o compadre e Thomé.

—O Anastacio; levanta-te d'ahi, home. Isso que foi?

—E' qu'eu julgava que a estrada era toda miúda; mas pelo que vejo não é, não.

—E' tambem das Obras Publicas.

—E do meu nariz que a queria medir, como se fosse fita metrica... Nem que eu andasse de noite a fazer louvações...

Sao desgraças que acontecem.

Elle, um homem, e ella, uma mulher. Sim, elle do sexo forte, que o deu fraco, e ella, fragil, que a deu valente.

Chovia, ventava e trovoava. Porque na penultima semana, que foi quando isto que vou dizer se passou, houve um restolho medonhissimo nas aboboras, digo, nas abobadas celestes. A agua vinha de cima não muito dividida como o costume—de maneira que cada pinga parecia um pingão. Aquella rua Direita (lembra-me como se fosse hoje) transformou-se em centenaes de lagoas e aquelle barranco que se vê (mesmo com os olhos, tão grande elle e) em frente á loja do sr. Salvação parecia um mar; e tão grande e tão medonho, que houve conveniencia em lançar uma ponte de madeira para estabelecer a communicação de um lado da rua para o outro.

Mas vamos ao que interessa, que eu estava tão abstracto que nem me lembrava que estava aqui presente a esta tira de papel, a que costumava chamar-se linguado.

Tinham-se deitado os esposos felizes.

—Oh menina, não sentes um ruído?

—Não, o que se ouve é o vento a soprar pelos buracos, ou são os ratos.

—Na la, olha que isto é gente.

Eram já 3 da manhã quando elle torna a tornar:

—Não posso dormir; que ruído... Isto não são raios.

—O ha, trata mas é de te vestir, são horas do irs para o comboyo, deixa ficar o medo para outra occasião. Safa!... estás hoje de todo...

Foi fazer viagem. Regressou á noite. Precison de mudar de camisa e vai á commoda onde ellas estão. Mas... sente ruído d'entro d'ella, e diz para a esposa:

—Eu bem disse esta noite, que aqui andava coisa. Abre a commoda Apolinaria, ahi está gente.

Mal aberta ainda a gaveta, já a gata, a Seraphina, tentava sair. Tinha para lá entrado na vespera, quando a encontrara aberta. Entre as camisas estavam alguns recém-nascidos gatinhos...

A D. Apolinaria, ria a bom rir do caso.

E elle, o esposo, não se ria mas não encavacou com a historia, ficou satisfeito por ella tambem se ter enganado: o ruído não era prozido pelo vento, nem pelos ratos, como ella o tinha affirmado, mas sim pela gata que de pois do parto tinha fome e não queria estar entaipada.

Elle é uma menina vermelhinha e bonitinha. Tem uns dentes muito salientes que fazem lembrar o dentado d'uma serra de cortar lenha, mas que não a desfeiam. Mas não é só bonita, é uma dona de casa em perspectiva, muito poupada. Tem um vestido que comprou o anno passado na feira de Cruzes e que ainda só está rötinos cotovellos—mas isso é devido ao estar muitas vezes á janella... Tem um defeito, que afinal toda a gente os têm. Quando passa gente na rua atira uns ditinhos para ter graça e espeta-se, porque ignora que, havendo offensa, não ha espirito.

Noutro dia, por exemplo, quando passavam em frente da sua porta umas senhoras de fóra da terra, sabiu-se com este:

—«Aqui vão umas senhoras feitas á pressa».

Elas riram-se, porque lhe acharam muita graça, e depois uma disse:

—«Em qualquer coisa se conhece uma coisa...»  
Ha meninas que precisavam de uzar um aqum na lingua como os cães uzam na foieheira.

Abundam por ahi tantos candidatos ao matrimonio mas ainda nenhum d'elles descobriu o melhor processo para conseguir o seu almejado fim. Pois—houa! lhe seja—, esse processo—o eureka dezejado—acaba de descobri-lo um burocrata, forte em fios... e talvez em meadas... que ha pouco funciona n'esta villa. Este burocrata é tambem candidato ao matrimonio, mas infeliz até agora. Pensou, matutou, descobriu o processo e applicou-o e conseguiu o fim, isto é, o sim da sua dezejada. É, como é simples o moderno processo!—Basta dizer á mulher pretendida que se ganha 4:200 rs. por dia!...

Por 4:200 rs. por dia conseguir uma esposa, ainda mesmo que se seja um larvado, não ha nada mais barato nem mais commoda.

Responsavel:—João G. da Silva



Penha para responder a certos escriptos...